

# V!RUS12

## MODERNOS RADICAIS

a n o 2 0 1 6 y e a r  
s e m e s t r e 0 1 s e m e s t e r

revista do Nomads.usp | Nomads.usp journal  
ISSN 2175-974x | CC BY-NC  
DOI 10.4237/virus\_journal

## O MODERNISMO OCULTO DE PETRÓPOLIS

Erivelton Muniz da Silva

**Como citar esse texto:** SILVA, E.M. O Modernismo oculto de Petrópolis. **V!RUS**, São Carlos, n. 12, 2016. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus12/?sec=5>. Acesso em: 00 m. 0000.

**Erivelton Muniz da Silva** é Mestre em Urbanismo, Professor Auxiliar da Universidade Estácio de Sá e arquiteto na Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Estuda Ciência da Informação, representação da informação, multimídia, gráfica digital, banco de dados, Internet e arquitetura.

### INTRODUÇÃO

Até que ponto rótulos podem ser benéficos ou maléficos na identidade de um lugar? Quando definimos um rótulo para algo, seja cidade, objeto, pessoa, tendemos a limitar nosso entendimento sobre este ente considerando aquilo que o rótulo nos diz.

Assim é Petrópolis, cidade da região serrana do Rio de Janeiro, distante cerca de 70 km da capital. Criada pelo decreto Imperial nº 155, de 16 de março de 1843, nasce da vontade direta do então Imperador Dom Pedro II que, com ajuda do Major Engenheiro Júlio Frederico Koeler, transformaria a então Fazenda do Córrego Seco em uma das primeiras cidades planejadas do Brasil.

A presença do Palácio de Verão da família real e de várias benfeitorias construídas pela mesma levaram a nobreza e a burguesia para a cidade serrana. Contudo, a proximidade da realeza cobrava sua cota de exigências, e edificar na cidade significava seguir os rígidos parâmetros impostos pelo Plano Koeler, entre eles, a aprovação das fachadas junto às autoridades. Tais parâmetros por muitos anos vigoraram e guiaram a forma de construir na área central da cidade, criando um conjunto urbanisticamente coeso, integrado e facilmente identificável por qualquer pessoa. O título de Cidade Imperial, que o município nunca chegou a ter de fato durante o período em que a monarquia era vigente, viria somente pelas mãos do então Presidente General João Figueiredo, por meio do decreto 85.849 de 27 de março de 1981, reforçando ainda mais este viés pelo qual a cidade é percebida.



**Fig. 1 e 2:** Residência Paulo Santos, por Sergio Bernardes. Mangalarga, Petrópolis.  
Fonte: Silva, 2015.

Ainda anterior ao título concedido durante o governo militar, é a mudança de perfil daqueles que ainda buscavam na cidade seu recanto de veraneio. A burguesia que busca a cidade após a República, parte dela influenciada pelos ecos da Semana de Arte de 1922, começa a encarar os distritos no entorno da cidade, que não possuem as amarras do Plano Koeler, como local para expor sua identidade. A antiga burguesia oligárquica, que apontava para o passado clássico e eclético, se defronta com uma nova geração, de visão renovada, e que vê em um grupo de arquitetos que modificaram toda a forma de pensar da Escola Nacional de Belas Artes, e a revolucionou, como canal para expressão de seus anseios. É neste panorama que as primeiras edificações Modernistas começam a surgir a cidade, ainda na década de 1940.

## IDENTIFICANDO O LEGADO OCULTO



**Fig. 3 e 4:** Residência Edmundo Cavanelas, por Oscar Niemeyer. Pedro do Rio, Petrópolis.  
Fonte: Silva, 2014.

Na posição de docente lecionando no curso de Arquitetura da Universidade Estácio de Sá (UNESA), em Petrópolis, RJ, considerei importante buscar aqueles que seriam os principais referenciais arquitetônicos da cidade, independente de que corrente representassem. A intenção era indicar locais de fácil acesso aos alunos, e ainda assim fornecer bons exemplos de projeto. Ao tratar o tema Modernismo, usando bibliografia sugerida pelo curso, já foi possível identificar obras de importantes nomes do movimento, alguns pertencentes à primeira geração daquela que viria a ser conhecida como a Escola Carioca. Ao discutir tais informações no campus, fosse com o corpo docente, fosse com o corpo discente, novos dados iam se aglutinando

às informações iniciais: uma localização, obras não indicadas nas bibliografias básicas, pessoas que haviam participado de reformas ou modificações em edificações conhecidas. Dados interessantes mas que, dispersos, diziam pouco a respeito do Movimento Moderno dentro da cidade. Enveredar para uma pesquisa mais embasada, com apoio Institucional, foi o caminho natural. Os dados aqui apresentados são o fruto de 12 meses de trabalho, de fevereiro de 2014 a janeiro de 2015, financiados pela UNESA, e refletem as descobertas empreendidas em pesquisas de campo, livros, revistas e entrevistas com moradores locais.



**Fig. 5:** Residência Lota Macedo Soares, por Sergio Bernardes. Localizada com o auxílio de um aluno. Fonte: Silva, 2015.

É fato que boa parte das edificações Modernistas estão “invisíveis” para o visitante costumaz da cidade. Este, que busca em Petrópolis o turismo histórico ou de compras, acaba por concentrar suas visitas na região influenciada pelo Plano Koeler, conjunto urbanístico tombado pelo IPHAN em 1964, com extensões do tombamento em 1980 e 1982. Essa percepção limitada leva a crer, de fato, que a memória arquitetônica da cidade se resume a edificações de cunho eclético remanescentes do período imperial. Durante a pesquisa, somente duas edificações Modernistas foram identificadas nesta região, sendo que somente uma delas, a residência Celso da Rocha Miranda, projeto de Alcides da Rocha Miranda - hoje convertida em escola particular - é visível a partir da Avenida Ipiranga. Então, comprovar a existência, e conseqüentemente a importância desta herança Modernista, não se mostrou exatamente uma tarefa simplória.

O primeiro passo da pesquisa fixou-se em analisar se a bibliografia sobre o Modernismo no Brasil poderia fornecer pistas a respeito de edificações na cidade. Os livros *Arquitetura Contemporânea no Brasil* (BRUAND, 2010) e *Arquiteturas no Brasil 1900-1990* (SEGAWA,1997), fornecem algumas informações, mas invariavelmente não apontam onde as obras foram executadas. Já em *Modern Architecture in Brazil* (MINDLIN, 1956), uma das principais fontes a tratar o tema, traz dez obras claramente identificadas, situadas na cidade. Contudo, há muito pouca informação sobre sua real localização. Somente em *Quando o Brasil era Moderno: Guia de Arquitetura 1928-1960* (CAVALCANTI, 2001), foram detectadas oito edificações e mais detalhes no que diz respeito ao bairro, por vezes o logradouro, de obras Modernas existentes na cidade de Petrópolis.



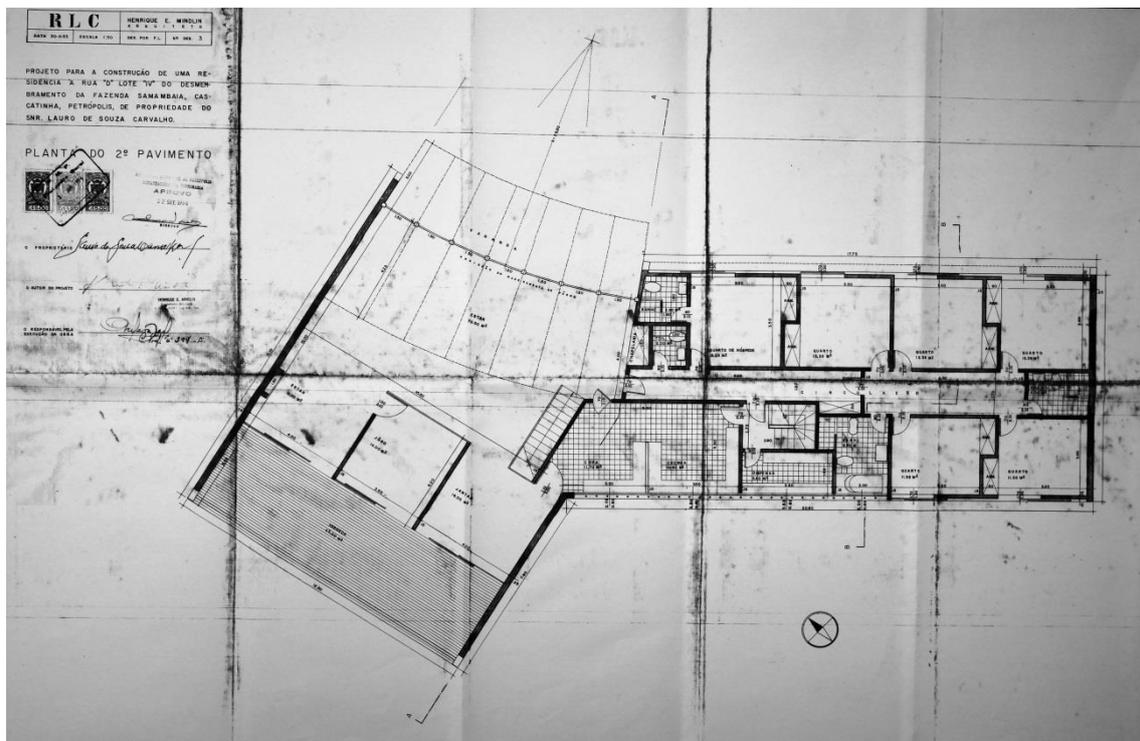
**Fig. 6:** Detalhe de forro na Residência Lauro de Souza Carvalho, de Henrique Mindlin. Samambaia, Petrópolis.

Fonte: Silva, 2014.

Periódicos de época também se mostraram importantes na identificação de edificações situadas na cidade. O principal suporte para busca neste tipo de publicação, considerando que boa parte foi descontinuada e não possui acervo *online* e pesquisável, foi o *Índice de Arquitetura Brasileira*, publicação realizada pela biblioteca da FAU-USP, em 1974. Este trabalho ímpar identifica, utilizando-se de diferentes tipos de indexadores, a publicação sobre arquitetura brasileira ao longo de diferentes recortes temporais, sendo a edição que trata do intervalo 1950-1970 a utilizada neste estudo. Com auxílio do *Índice de Arquitetura Brasileira*, foi possível identificar 41 citações vinculadas a edificações em Petrópolis. Destas, 31 revistas foram consultadas, contabilizando informações sobre 25 edificações únicas, publicadas nas revistas *Arquitetura-IAB*, *Acrópolis*, *Arquitetura e Engenharia*, *Casa e Jardim*, *Brasil Arquitetura Contemporânea*, *Cadernos de Arquitetura Brasileira*, *Habitat* e *Módulo*. Além das publicações nacionais, duas revistas estrangeiras foram incluídas na análise, a *L'Architecture d'Aujourd'hui*, publicação francesa, e a *Domus*, italiana.

Aquele que podemos considerar o último passo na formação do acervo de edificações, também se mostrou um dos mais complexos: a consulta ao acervo da Secretaria Municipal de Planejamento e Desenvolvimento Econômico de Petrópolis, ao qual o setor de Urbanismo vincula-se. Apesar de um recorte bem definido para este projeto, edificações de traço modernista executadas entre as décadas de 1940 e 1970, a pesquisa no acervo apresentou dificuldades, frente a dois problemas muito comuns em cidades pequenas: a pequena equipe responsável pelo mesmo, e única autorizada a manipulá-lo; e a falta de um índice informatizado, que permitisse a pesquisa de forma dinâmica. A organização do acervo de plantas na cidade se guia unicamente pelos indicadores de logradouro. Qualquer outra informação relevante vinculada ao projeto, como o ano em que a edificação foi registrada junto a prefeitura, o arquiteto responsável pelo projeto ou execução, ou

seu proprietário original, não é considerada na estrutura catalográfica da prefeitura, tornando o trabalho de montar um retrato ainda não mostrado da cidade ainda mais complexo. Até mesmo a falta de registro de algumas edificações, ainda que de posse de sua localização exata ou a mais aproximada possível, gerou um hiato de dados que poderiam advir do acervo público. Ainda assim, a busca permitiu chegar a edificações não publicadas em nenhum meio, tanto de arquitetos locais quando de nomes reconhecidos, assim como a documentos extremamente peculiares, como o projeto da residência de Carlos Lacerda realizado por Sergio Bernardes, contendo as assinaturas de ambos.



**Fig. 7:** Planta do segundo pavimento da Residência Lauro de Souza Carvalho, por Henrique Mindlin. Fonte: Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Econômico de Petrópolis, 2015.

## CONSTRUINDO SOCIALMENTE

Uma vez que contar com a estrutura do acervo municipal para identificar a localização das obras não se mostrou tão frutífero quanto esperado, considerou-se utilizar aquilo que podemos considerar um dos bens mais importantes em uma cidade, as memórias de sua população, transmitidas das mais diversas maneiras (JOHNSON, 2003). O fato de olhar a cidade com a visão do estrangeiro pode fornecer distanciamento adequado para modelar uma crítica, mas não para resgatar informações que somente os que a vivenciaram intimamente poderiam fornecer. O círculo inicial foi formado pela própria comunidade acadêmica: alunos e professores que, de alguma maneira, já haviam tido contato com este legado Modernista. Boa parte dos professores da unidade Petrópolis da UNESA é formada por arquitetos oriundos da cidade, alguns de uma segunda geração de profissionais que, pelas memórias da infância ou motivados por esforço acadêmico, tiveram contato com algumas das obras identificadas. Os alunos, oriundos de diferentes faixas etárias e em grande parte moradores da cidade, também foram capazes de fornecer dados importantes, quando não, identificar que sua residência pertencia ao universo do estudo.



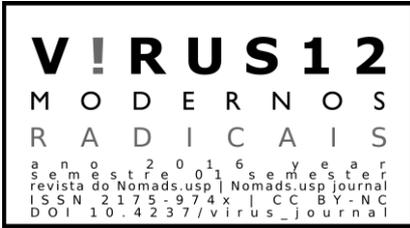
**Fig. 8 e 9:** Residência Guilherme Brandi, por Sergio Bernardes. Samambaia, Petrópolis. Edificação localizada por um aluno.  
Fonte: Silva, 2014.

A ampliação do círculo se fez com a utilização das redes sociais, em particular, o *Facebook*. A *fanpage* “Petrópolis - Cidade Modernista” (<https://www.facebook.com/petropolismodernista/>) expõe extratos dos resultados da pesquisa, sendo intensamente divulgada em outras comunidades relacionadas à cidade de Petrópolis. Além da visibilidade dada ao acervo, frente à popularidade deste tipo de *site* nos diferentes extratos populacionais, a pesquisa se beneficia principalmente pela constante interação com os visitantes. Histórias peculiares são apresentadas, como o fato do Pavilhão Lowdes, projeto dos irmãos M.M.M. Roberto no bairro de Samambaia, ter sido em uma fase de sua existência um bar, conhecido como Samambar. Somam-se as curiosidades descobertas, dados relevantes sobre as obras estudadas, como a localização de oito edificações realizada pelos os visitantes da *fanpage*.



**Fig. 10 e 11:** Residência Geraldo Baptista, por Olavo Redig. Mangalarga, Petrópolis Edificação localizada por visitante da *fanpage*.  
Fonte: Silva, 2015.

Localizar as edificações é uma meta importante, pois existem dados e questionamentos que somente a visita ao local é capaz de responder. Entender se o projeto foi capaz de se solidificar, e mesmo depois de mais de 50 anos ainda se mostra capaz de responder às necessidades de seus ocupantes, ou ainda às transformações ocorridas, e como interferiram no desenho original. Mais do que simplesmente criticar qualquer alteração encontrada, o que se busca é a



compreensão dos motivos que levaram os proprietários a perpetrarem tais modificações.

Ainda ligado à localização, o que temos também é a ampliação das possibilidades acadêmicas. Ao sensibilizar os proprietários da importância do imóvel para a história arquitetônica da cidade, abriram-se portas para a visita de estudantes a tais locais, normalmente inacessíveis por serem propriedades particulares. O registro fotográfico também é um recurso importante, por ser umas das principais ferramentas na comparação entre o momento atual da edificação e seu registro histórico.

Fazer com que a pesquisa não limitasse suas fronteiras estritamente ao universo acadêmico, em artigos ou relatórios científicos, sempre foi uma das propostas deste trabalho. A construção da *fanpage* se mostrou como um passo preliminar de algo maior a ser desenvolvido, e com resultados acima do esperado. Apesar de tudo o que as publicações e as fontes oficiais têm a oferecer, não se aprende por meio destes a reconhecer uma localidade ao analisar a silhueta de um acidente geográfico, ou o detalhe existente em uma rua exposto em uma fotografia. Só a vivência da cidade é capaz de fornecer isto. O uso de redes sociais permitiu-nos apreender com aqueles que têm na cidade de Petrópolis seu cotidiano este olhar apurado sobre a mesma.

Semelhante ao que foi realizado via *Facebook*, pretende-se expandir a experiência para outras redes sociais de grande alcance, onde seja possível focar a distribuição de conteúdo em imagem, conseqüentemente com maior probabilidade de identificação, tais como *Twitter* e *Pinterest*.

## ENTENDER PARA DIFUNDIR

No total, foram identificadas preliminarmente 31 edificações modernistas na cidade de Petrópolis e, destas, 13 tiveram sua localização confirmada. A pesquisa obteve a autorização para visita de 9 destas edificações, com permissão para registros tanto da área externa quanto interna das mesmas. As outras 4 foram registradas somente ao nível da rua.

Percebeu-se uma clara predominância das edificações residenciais de fim de semana, algo natural, dada a vocação da cidade como estância de veraneio. Este tipo de edificação, uma extensão da residência principal de seu proprietário, normalmente foge da estrutura padrão da residência urbana. É o local do descanso, do encontro, da busca pela natureza oferecida por uma Petrópolis em expansão, rica em paisagens naturais combinadas a um clima que a velha capital não era capaz de fornecer. É de se supor que muitas das escolhas projetuais apresentadas pelos arquitetos foram influenciadas por tais fatores. A iconografia identificada até o momento reforça esta suposição, ao enfatizar o diálogo entre a paisagem natural com as obras apresentadas, discurso recorrente nos livros e periódicos consultados. É possível questionar se a cidade teria sido capaz de imprimir uma linguagem arquitetural própria, dado as peculiaridades da mesma. Contudo, a pesquisa não possui dados suficientes para validar tal suposição como uma tese.

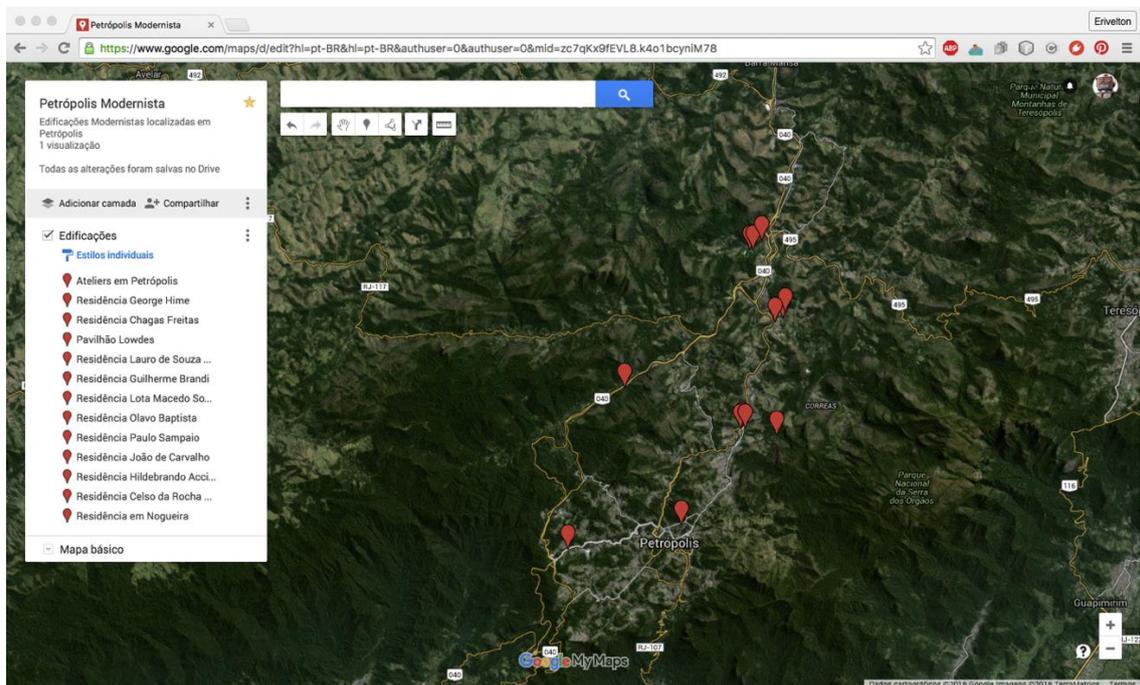
Não nos pareceu adequado comparar a cidade de Petrópolis com outros sítios onde a Arquitetura Moderna se mostrou presente, como a capital carioca, ou até mesmo outras capitais no país, dadas as diferenças evidentes de população e importância política entre elas. Nossos estudos apontaram então para Cataguases, em Minas Gerais, como uma referência mais próxima. Esta cidade dista 310 km de Belo

Horizonte, possui um detalhado registro de sua herança Modernista, fruto de um intenso momento econômico entre as décadas de 1940 e 1960, promovido pela família Peixoto, proprietária de indústrias têxteis na localidade. Contando com 29 edificações registradas no Guia de Arquitetura Modernista de Cataguases (ALONSO, 2012), é considerado um dos maiores acervos do tipo no país.

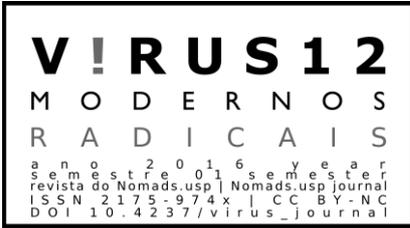


**Fig. 12 e 13:** Residência Chagas Freitas, por Sergio Bernardes. Correias, Petrópolis. Fonte: Silva, 2014.

Ao analisar o caso de Cataguases e os resultados preliminares do presente estudo, suposições sobre a invisibilidade da Arquitetura Moderna em Petrópolis podem ser construídas. Enquanto, na cidade mineira, as edificações possuem proximidade suficiente para configurarem um conjunto urbanístico, reconhecido e tombado pelo IPHAN em 1994, o que vemos em Petrópolis são pequenos núcleos, por vezes alguns entes isolados, que formam o patrimônio modernista petropolitano. Essa pulverização faz com que obras, de linguagem semelhante, estejam distantes até 25 km umas das outras, em certos casos, enquanto que, em outros, somente a rua separa as edificações.



**Fig. 14:** Mapa com a localização das edificações conhecidas.



Disponível em: <[https://www.google.com/maps/d/splash?hl=pt\\_BR&app=mp](https://www.google.com/maps/d/splash?hl=pt_BR&app=mp)>. Acesso em: 12 mar. 2016.

É notório que um conjunto urbanístico, como o próprio Centro Imperial de Petrópolis ou o Centro Modernista de Cataguases, é melhor apreendido se compararmos com elementos isolados na paisagem da cidade. Como não se pode alterar a distância física entre as edificações existentes, que se aproximem as mesmas por outros meios, neste caso, o digital.

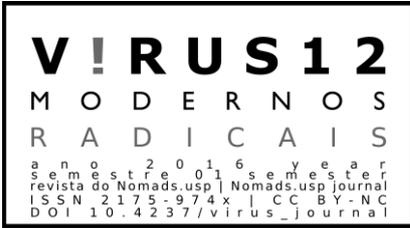
A proposição de criar um *website* a partir dos elementos coletados pelo trabalho foi uma das primeiras metas a ser incorporada nesta pesquisa. A escolha pelo meio digital, particularmente a Internet, se dá pela capacidade que a mesma vem apresentando em aproximar pessoas em torno de temas comuns (JOHNSON, 2001), como a experiência na rede social pode comprovar.

A Internet, apesar de todo o aparato físico e tecnológico para seu funcionamento, é visto com um meio imaterial, um espaço onde diferentes tipos de mídias podem circular livremente. Com a aplicação de técnicas de gráfica digital adequadas ao objeto de estudo, é possível fornecer, usando a internet e suas ferramentas como meio, uma experiência imersiva e cativante aos interessados pelo tema, capaz até de instigar o desejo de visitação aos locais apresentados, um viés do trabalho que pode ser analisado tanto quanto pela visão cultural quanto econômica.

A popularização da informática e o acesso facilitado a bancos de dados capazes de armazenar e indexar diferentes tipos de informação oferece novos meios para tratar a miríade de informações coletadas, dotados de recursos mais dinâmicos. Analisando pelo aspecto computacional da organização do conhecimento, podemos definir que um banco de dados é um conjunto de informações dotado de uma estrutura regular, que as organiza; e um *software*, capaz de manipular este conjunto criado (SILBERSCHATZ; KORTH; SUDARSHA, 2005). Quando analisamos as cidades, de modo geral, também encontramos nelas os mecanismos necessários para organizar e recuperar o conhecimento; as pessoas tendem a se reunir nos centros urbanos para facilitar a transmissão de informações (JOHNSON, 2003). Aqui, o produto da cidade se torna o objeto de estudo, então outras ferramentas se fazem necessárias.

O uso de um banco de dados como pilar para este catálogo parte de alguns princípios. O saber arquitetônico abrange um tipo de conhecimento onde o objeto de estudo pode ser descrito com palavras, mas não pode ser completamente entendido sem a utilização de outros suportes. Apesar de textos, resenhas e memoriais fazerem parte da realidade do projeto arquitetônico, são as imagens, como desenhos, fotos e plantas, sua porção mais significativa, incluindo representações tridimensionais, como maquetes físicas e eletrônicas. Por muito tempo, compêndios e catálogos impressos foram a solução para distribuir-se tal informação, tendo na obra *A Arte de Projetar em Arquitetura* de Ernst Neufert (2004) seu principal exemplo.

Frente ao exposto, se esclarece que a opção por um banco de dados digital se deve à intenção de organizar as informações coletadas a respeito das edificações dentro de uma estrutura relacional. Desse modo, as conexões entre os registros e os padrões formados vão se descortinando, à medida que os objetos de estudo vão sendo conhecidos e registrados, mesmo que, em uma análise preliminar, não sejam completamente visíveis. As relações entre obras e os atores delas participantes – arquitetos, engenheiros, desenhistas e proprietários – poderão sugerir padrões ou evidenciar conexões que poderiam passar despercebidas à análise individual e independente de cada item.



Um primeiro protótipo funcional do *website* encontra-se disponível no endereço <http://www.petropolismodernista.org.br>, onde progressivamente resenhas e dados a respeito de cada edificação identificada estão sendo postados. Um primeiro esforço tem se concentrado em construir os textos de análise e fornecer o maior número possível de imagens e dados técnicos das obras, como plantas e cortes.

Pretende-se, em momento futuro, digitalizar os desenhos técnicos em formato vetorial, reproduzindo-os tanto bidimensional quanto tridimensionalmente. Em um momento em que as tecnologias de fabricação digital ganham popularidade, com máquinas CNC e impressoras 3D ao alcance de vários usuários, tais arquivos permitiriam a reprodução em escala destas edificações de forma simples. Estas maquetes forneceriam a possibilidade de uma análise, seja estética ou volumétrica, destes objetos arquitetônicos, aos quais poucos têm a possibilidade de conhecer pessoalmente.

Um sistema de busca permite, ainda que de forma rudimentar, realizar cruzamentos e resgatar dados. A partir das informações cadastradas sobre o bairro ou sobre o arquiteto, o *website* possui o recurso de criar grupos que compartilham deste dado em comum. No momento, a pesquisa vem trabalhando no aprofundamento analítico de cada obra coletada, de forma que novos elementos indexadores possam ser oferecidos e com isso gerar novas chaves para consultas.

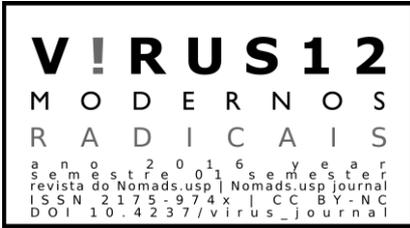
Outra meta a ser implementada é um sistema de geolocalização. Pretende-se, à medida em que os dados de localização das edificações sejam identificados, que estes pontos sejam registrados e indicados em um mapa da cidade. Além de permitir a análise do relacionamento da obra com seu entorno imediato nos dias atuais, será possível também buscar relações com outras edificações que se encontrem nas proximidades.

## **CONCLUSÃO**

A Arquitetura Moderna no Brasil vem sendo extensamente discutida e estudada ao longo dos anos, mas as abordagens mais tradicionais tendem a tratar o tema de forma ampla, analisando a produção no país como um todo e mostrando as diferenças existentes entre escolas que predominaram em certas regiões; ou então a trata de maneira autoral, quando enfoca no trabalho de arquitetos e seus portfólios pessoais.

Analisar a Arquitetura Moderna pela ótica da cidade que a abriga, e o quanto esta pode ter relevância para seu *status* cultural, ainda que não captado pela população que a vivencia, é uma abordagem menos comum, contudo pode trazer resultados que extrapolam o campo do estudo teórico. Além disso, pode auxiliar na descoberta de peculiaridades que caracterizem o modo de construir naquele local, pode fomentar economicamente a região ao dar destaque a obras de valor arquitetônico reconhecido pela área, permitindo uma nova visão da cidade analisada, diversa do senso comum.

As obras de grandes mestres da Arquitetura, tais como Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, por si só atraem interessados. Estes foram capazes de mudar toda uma forma de pensar a arquitetura e o urbanismo com seus trabalhos, mudaram de forma radical conceitos que embasaram a forma de projetar o edifício e a cidade; mas outros arquitetos os acompanharam nesta jornada. Petrópolis possui diversas edificações dotadas das mesmas qualidades arquitetônicas sob influência desses mestres, carregadas do mesmo espírito de inovação, mas sem assinaturas do mesmo peso, que conseqüentemente não despertam o mesmo tipo de valorização por turistas, amantes da arquitetura ou estudiosos. O fenômeno em si pode



simplesmente estar ligado ao desconhecimento do público atraído por este tipo de bem cultural, ou ainda pela dificuldade de acesso aos mesmos.

A invisibilidade destas obras acaba por torná-las indiferentes dentro do contexto da cidade. Ao criar o catálogo e torná-lo público, se aposta na viralização da informação, capaz de fornecer à população os subsídios para entender e conhecer estes projetos. Mesmo que estas edificações não alcancem a visibilidade das obras pertencentes ao passado imperial da cidade, a semente para compreensão das mesmas foi fornecida; Petrópolis não é berço somente de um legado arquitetônico historicista, mas também de obras produzidas por arquitetos que buscaram reescrever a maneira como a arquitetura poderia ser compreendida e produzida.

Petrópolis tem como uma de suas principais receitas o turismo, calcado fortemente na imagem de Cidade Imperial, mas desconsidera toda uma produção de um período importante, edificações e propostas idealizadas por diversos arquitetos, sendo alguns destes nomes reconhecidos em todo o mundo. É necessário fazer com que a população e os visitantes reconheçam esta outra face, tão pouco explorada, e possam identificar este legado Modernista, que, mesmo mais jovem que sua contraparte Imperial, também possui relevância histórica.

Por outro lado, temos a necessidade de preservação da memória deste patrimônio. A cidade é um organismo dinâmico e muitas destas obras sofrem mudanças, seja para adequar-se a novos usos, crescimento ou mudança das famílias que passam a utilizá-las, quando não a própria demolição para dar lugar ao novo, sem julgar o valor que este substituto traz ou não à cidade. Uma vez digitalizadas e reproduzidas segundo a concepção de seus projetistas, as obras têm a oportunidade de permanecer entendidas conforme seu contexto original.

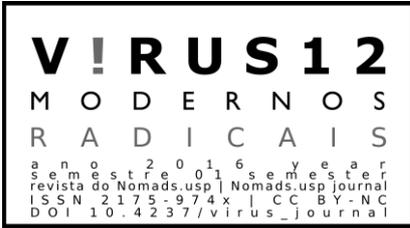
Faz-se necessário mostrar que Petrópolis não se resume somente a ser Imperial, algo já naturalmente assumido no dia-a-dia da cidade e de sua população, mas que também pode ser Modernista, e reconhecer-se como campo fértil que foi para a experimentação do novo.

## **AGRADECIMENTOS**

Ficam aqui registrados os agradecimentos ao Programa Pesquisa Produtividade da Universidade Estácio de Sá, sem o qual este projeto não existiria; aos alunos Adonis Luiz e Juliana Vitoriano, que colaboraram voluntariamente com este projeto; ao Professor Paulo Igreja, pelo apoio na pesquisa; e ao coordenador do Curso de Arquitetura da Unidade Petrópolis da UNESA, Adriano Arpad, que muito nos auxiliou institucionalmente. Fica aqui também o agradecimento a todos aqueles colaboradores que nos auxiliaram, à distância ou presencialmente, a encontrar as diversas obras expostas neste trabalho.

## **REFERÊNCIAS**

- ALONSO, P. H. **Guia da arquitetura Modernista de Cataguases**. 2. ed. Cataguases: Instituto Cidade de Cataguase, 2012.
- CAVALCANTI, L. A. P. **Quando o Brasil era Moderno: guia de arquitetura 1928-1960**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- BRUAND, Y. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- JOHNSON, S. **Cultura da Interface: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- JOHNSON, S. **Emergência: a dinâmica de rede em formigas, cérebros, cidades e softwares**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.



MINDLIN, H. E. **Modern Architecture in Brazil**. 1. ed. Nova Iorque: Reinhold Publishing Corporation, 1956.

NEUFERT, E. **A arte de projetar em arquitetura**. 17. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2004.

SEGAWA, H. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

SILBERSCHATZ, A.; KORTH, H. F.; SUDARSHA, S. **Sistema de Banco de Dados**. 3. ed. São Paulo: Makron Books, 2005.